

VISÕES SOBRE O FEMININO E O CORPO NA IDADE MÉDIA

João Davi Avelar Pires

Resumo

Neste trabalho, pretendemos discutir as visões sobre o corpo e o feminino presentes na Idade Média, período marcado pelo predomínio da religião cristã, que influenciou profundamente a construção da imagem da mulher ao longo do tempo. Para isso, discutiremos também, ainda que de forma sucinta, a Inquisição, enquanto um sistema ou instituição que perseguiu, por vários séculos, entre outros grupos, milhares de mulheres, fundamentada numa visão e interpretação do corpo e do feminino relacionados ao mal e à figura do demônio. Para isso, nos utilizaremos da obra *Malleus Maleficarum*, escrita em 1484, cujo teor é perpassado por uma intensa misoginia, apoiada em didáticos cristãos como São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, na interpretação das Escrituras e em autores clássicos. Tratamos também brevemente da oposição criada entre as mulheres santas e as pecadoras, Ave e Eva.

Palavras-chave: Feminino. *Malleus Maleficarum*. Corpo. Idade Média

Abstract

In this work, we intend to discuss views on femaleness and the body sustained during the Middle Ages, a period marked by the predominance of the Christian religion, which deeply influenced the construction of the image of women over time. In this regard, we also discuss, albeit briefly, Inquisition as a system or institution that persecuted thousands of women, among other groups, for centuries, based on a vision and interpretation of the female body as related to evilness and to the figure of the devil. In this analysis, we make use of the work *Malleus Maleficarum*, written in 1484, the content of which is permeated by an intense misogyny, based on the teachings of Christians such as St. Thomas Aquinas, St. Augustine in the interpretation of the Scriptures, and on classical authors. We also briefly treat the opposition created between holy and sinful women, such as Eva and Ave.

Keywords: Female. *Malleus Maleficarum*. Body. Middle Age.

Muito se tem discutido sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea – chamada por alguns de pós-moderna – e as circunstâncias e perspectivas nas quais ela é entendida, tanto sociais quanto relacionadas ao corpo.

Neste trabalho, pretendemos discutir, brevemente, as visões sobre o corpo e o feminino presentes na Idade Média, período marcado pelo predomínio da religião cristã em todas as esferas sociais e cotidianas, e que influenciou fortemente a construção da imagem da mulher ao longo do tempo. Para isso, discutiremos também, ainda que de forma sucinta, a Inquisição europeia, enquanto um sistema ou instituição que perseguiu, por muitos séculos, milhares de mulheres, fundamentada numa visão e interpretação do corpo e do feminino relacionados ao mal e à figura do demônio.

É importante dizer que a especificidade adquirida pelo discurso misógino no contexto da Idade Média repousa numa visão masculina pessimista, herdeira de tradições clássicas que foram acentuadas no período medieval. Ou seja, a imagem da mulher que pretendemos tratar neste trabalho, não foi um constructo exclusivo e pertencente à Idade Média, mas um processo bem mais longo, onde se mesclaram elementos presentes no discurso aristotélico (LIEBEL, 2004) e outros presentes na Antiguidade Clássica, que situam o homem e a mulher em uma hierarquia funcional de superioridade e inferioridade, atribuindo as características de seco, quente, alto e reto ao masculino; e frio, úmido, baixo e curvo ao feminino, extrapolando os limites de uma suposta inferioridade física para uma inferioridade moral¹.

Dessa forma, a imagem da mulher medieval é construída a partir da oposição entre feminino e masculino, na qual o ser homem liga-se à virilidade, ao senso de honra, à retidão, e a mulher à desonra, a ausência de retidão no comportamento e no

¹No mundo greco-romano, o imaginário misógeno relegava à mulher a condição de ser frágil e tutelado, indigno de exercer a sua cidadania. Restando-lhe apenas a sublime tarefa de trazer ao mundo varões de que necessitava a polis para garantir sua continuidade (NOGUEIRA, 1991, p. 15)

pensamento. O homem relaciona-se à espiritualidade, sendo considerado o portador de um caráter superior perturbado pela natureza feminina. A mulher é, em sua essência, instintiva, dionisíaca, e o homem, racional, apolíneo (LIEBEL, 2004, p. 8).

O feminino em geral apresenta entre suas principais características a ira. “Não há veneno pior que o das serpentes; não há cólera que vença a da mulher. Seu destempero a leva a inverter as posições de mando, ousando desafiar a autoridade do marido, e, segundo Cícero, o homem torna-se escravo da mulher, que o governa. O perigo de ceder autoridade às mulheres é exposto com os exemplos daquelas que destruíram reinos: Helena, Jezebel, Atália e Cleópatra, “a pior de todas as mulheres” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 119).

O mundo social imprime no corpo dos sujeitos esquemas de percepção e ação que funcionam como uma segunda natureza, instituindo a diferença biológica entre os sexos em termos desiguais e discriminatórios, produto de uma relação arbitrária de dominação, fundamentada na manutenção da ordem social. A mulher constitui-se em entidade negativa pelo defeito da ausência de propriedades masculinas. Uma identidade negativa que condenou a mulher a carregar continuamente os estigmas e marcas de sua malignidade, justificando assim as atribuições que o sistema simbólico dominante lhe imputou como integrantes de sua natureza. Ela é tentadora, cuja lubricidade afasta os homens da salvação de sua alma. (LIEBEL, 2004).

Em linhas gerais, o padrão comportamental que regia a postura feminina na época medieval era determinado pelos didáticos cristãos, entre eles Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Baseados na interpretação das Escrituras, eles ditavam as normas para o procedimento da mulher no âmbito social, que era principalmente o familiar e privado. Neste ambiente, a mulher e os filhos estavam sujeitos ao poder e domínios masculinos. Dentro desta perspectiva, a primeira virtude a ser ensinada às meninas era a obediência, não convinha a elas saber ler ou escrever.

Como o feminino representa perigo, até mesmo no espaço familiar sua liberdade era limitada (GONÇALVES, 2009).

No medievo, eram pregados os valores da castidade do celibato, desta forma, a mulher representava uma tentação constante, e os homens que desejassem permanecer intocados no espírito, deveriam dela se afastar. Relações frequentes são feitas entre a mulher e o demônio, figura fundamental e indispensável no universo medieval.

Consideramos importante dizer que, apesar de o estereótipo medieval sobre a mulher ser majoritariamente relacionada à luxúria e ao pecado, havia paralelamente a imagem da santa, ou Ave, que contrasta completamente com a imagem da bruxa. Cria-se assim, neste período, uma oposição entre as mulheres que não se guiam pelos moldes impostos pela Igreja e as mulheres que suplantavam suas más tendências naturais ligadas à carne e se faziam santas. Percebemos neste último grupo a influência da imagem de Maria Madalena, como uma pecadora redimida pela religião. Assim, nem todas as mulheres se entregavam às práticas mágicas e de bruxaria. Uma parte delas, mesmo que pequena, conseguia se livrar dos enlevos da carne, da enganação de seus sentidos e se consagrar à religião e à Cristo. Mas a maior parte delas não era capaz de se autodesafiar e resistir à sua feminilidade, vista como inferior, se opondo à natureza masculina, mais ligada ao espírito (GONÇALVES, 2009).

Os intelectuais eclesiásticos medievais estavam certos de que mulher era quem mais se entregava à bruxaria e às práticas mágicas, pois acreditavam que ela, seja na bondade seja no vício, não conhecia a moderação, poderiam ser ou virtuosíssimas ou afundar nos piores vícios (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 113). Essas afirmações partem de uma percepção que pressupunha a existência de uma “essência” masculina e uma feminina, ou seja:

...uma categoria social fixa, uma entidade separada, um fenômeno conhecido – eram pessoas biologicamente femininas que se moviam dentro e fora de contextos e papéis diferentes, cuja experiência mudava, mas cuja essência – como mulher – não se alterava... (SCOTT, 1992, p. 82. Apud: PIMENTEL, 2012, p. 43)

Dessa forma, independente do contexto e dos grupos sociais ocupados pelas mulheres, sua essência era sempre a mesma, frágil e moralmente debilitada. O desenvolvimento do culto à Virgem acentuou ainda mais o misoginismo, na medida em que exaltou a mulher excepcional, para a qual a sexualidade foi uma eterna ausente.

Essa distinção aparece também no *Malleus Maleficarum*, utilizando-se de adjetivos fortes como: perversa, víbora, colérica, maliciosa, traiçoeira, contra virtuosa, virgem, santa, devota, propiciadoras de beatitude aos homens e salvadoras de nações, terras e cidades (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 114-115). Tais distinções são feitas invocando passagens da Bíblia e de autores como Cícero e Sêneca.

De acordo com Gonçalves (2009) existem mulheres que podem se fazer incrivelmente santas, suplantando suas “más tendências” e tornando-se até superiores aos homens por isso, sendo semelhantes à Maria Madalena. Contrária à santa aparece a mulher incontrolável, não confiável, apelativa e até enganadora dos sentidos: note-se que Eva convence Adão a comer do fruto proibido através de suas palavras.

Apesar destas interpretações, a que prevaleceu e foi intensamente difundida a partir do século XIII através dos sermões foi a da mulher pecadora, que abandonava a fé cristã, se entregava aos deleites da carne e tinha poderes para causar malefícios aos bons cristãos. Esta difusão, além de implantar o pânico em relação ao diabo e aos terrores da danação eterna, imprimiu nas consciências o medo da mulher (NOGUEIRA, 1991).

A raiz do medo que os homens sentiam pelas mulheres estava ligada aos segredos do parto, da cura e da fabricação de “mezinhas”, termo do qual se originou a palavra medicina. Ela ainda conhecia os segredos dos venenos, das poções e dos filtros, espécie de chá, que enfeitiçavam e matavam, sendo a senhora da vida e da morte.

Os elementos constituintes de uma visão masculina de mundo herdados da Antiguidade foram amplificados

pelo cristianismo, para explicar e demonstrar a inferioridade feminina e fornecer os dispositivos intelectuais necessários para a construção da imagem da serva do diabo. De acordo com Silva Liebel (2004, p. 3), o discurso misógino medieval se faz a partir de três elementos principais, uma visão masculina de mundo; a ideia da culpa humana, principalmente a da mulher; e os manuais inquisitoriais.

Assim, a cultura dirigente elaborou uma mitologia demoníaca, na qual efetuou uma sistemática e meticulosa leitura da discordância, em especial de manifestações das tradições populares de acordo com uma ótica demonológica. De acordo com Carlos Roberto F. Nogueira (1991), o universo passou a ser percebido como dividido entre reinos completamente antagônicos, o de Cristo e o do Diabo, imersos em um combate que data da Criação. A Igreja, tendo o poder a seu serviço, dividiu o mundo em duas partes também antagônicas, os servidores de Deus e os servos do Diabo, majoritariamente mulheres.

É interessante destacar o papel dado à culpa da mulher pela introdução do mal no mundo, juntamente com as heresias que ameaçavam a cristandade. Eva é o primeiro exemplo dos malefícios causados pela mulher, das desgraças da humanidade, devido à sua curiosidade natural. Pandora é outro mito de origem, a libertação dos males no mundo, tirando o homem do paraíso que era seu por merecimento. Outros personagens também são resgatados da literatura clássica para retratar o caráter desviante da mulher, como por exemplo, feiticeiras que matavam crianças e devoravam seus filhos, com um apelo violento e erótico. Eva carrega a semente do Diabo, e Maria a de Deus (LIEBEL, 2004, p. 9).

A Eva tentadora foi quem trouxe o destino de sua descendência para a morte, a sedutora de Adão. Este acabou por sucumbir aos encantos de sua companheira que, como toda fêmea, usa de sua beleza enganadora. Portanto, não se deveria admirar uma mulher pela sua beleza, pois “embora seja bela aos nossos olhos, deprava ao nosso tato e é fatal ao nosso convívio” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 120). A mulher

atrai com sua fala macia, induzindo os homens à fornicção e ao adultério, “sua voz é como o canto das Sereias, que com sua doce melodia seduzem os que se lhe aproximam e os matam. E os matam esvaziando as suas bolsas, consumindo as suas forças e fazendo-os renunciarem a Deus” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 120).

Autores como André Michels (2001) e Samanta Piton Vargas (2010), acreditam que o poder e alcance da Inquisição eram tão grandes que se transformaram numa histeria coletiva, se difundindo no imaginário social da Idade Média e Moderna. Como contraponto a esta ideia, Gonçalves (2009, p. 9-10) diz que “a perseguição às bruxas e aos heréticos nada tinham de histeria coletiva, mas, ao contrário foi uma perseguição muito bem calculada e planejada pelas classes dominantes, para chegar à maior centralização do poder”. Assim, podemos concluir que a finalidade do Santo Ofício era manter o controle sobre a população.

No processo de centralização de seus poderes, conduzido pela Igreja em sintonia com o Estado, foi imposto um modelo de mulher como cópia imperfeita do homem, feita a partir de uma costela recurva, contrária a retidão deste (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 116). Dessa forma, foram sendo criadas identidades fixas e estabelecidas generalizações que valorizavam as características masculinas e desclassificavam as femininas. É importante lembrar que, o discurso eclesiástico, que possibilita e perpetua a inferioridade do feminino, na medida em que mantém a ordem simbólica, contribui também para a manutenção da ordem política, ou seja, o homem destinado ao espaço externo e público e a mulher ao doméstico e privado.

O homem não foi criado pela mulher, mas o contrário, o que a colocava em uma posição sumariamente submissa. O *Malleus Maleficarum*, obra escrita por inquisidores em 1484, em relação à mulher e ao diabo diz que:

Já que o principal objetivo do diabo é corromper a fé, prefere então atacá-las... são mais impressionáveis e mais propensas a receberem influência do espírito descorporificado.. mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal que o homem, o que se evidencia

pelas muitas abominações carnis” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p.115-116).

A mulher é a introdutora do pecado original, o portão por onde entra o demônio, responsável direta pela condenação dos homens aos tormentos deste e do outro mundo, constituindo assim a vítima e ao mesmo tempo, a parceira consciente do Diabo (NOGUEIRA, 1991). O Diabo é capaz de realizar os seus malefícios sem necessitar de ajuda ou participação de nenhum agente, mas se utiliza “das bruxas para causar-lhes a sua própria destruição” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 70).

A condição de vítima significa sua entrega ao mal, que mesmo de forma consciente – algumas vezes para obter benefícios materiais ou simplesmente para causar mal a alguém – significa sua condenação futura, garantia de castigo e punição eterna. Dessa forma, havia uma relação dual, a mulher enquanto perpetradora de males aos homens, parceira e ao mesmo tempo, vítima deste mal. O mesmo *Malleus Maleficarum* diz, em relação aos homens e à carnalidade, que Deus “até agora tem preservado o sexo masculino de crime tão hediondo: como Ele veio ao mundo e sofreu por nós, deu-nos, a nós homens, este privilégio” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 101).

Já dizia São João Crisóstomo:

Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleito nocivo, um mal da natureza, pintado de lindas cores (S. JOÃO CRISÓSTOMO apud KRAMER, H. SPRENGER, J. 1991, p. 114.)

Note-se que, São João Crisóstomo enfatiza a predisposição feminina natural ao mal e à carnalidade, e também o perigo que elas representam à espiritualidade do homem, ao dizer que são nocivas, mas pintadas com belas cores, estimulando os homens a abandonarem a fé e se entregarem a atos carnis. As mulheres têm a memória mais fraca e tem um hábito ruim natural, são indisciplinadas, seguem os próprios impulsos sem se lembrarem do que é apropriado e mentem por natureza (MACIEL, 2004). Até mesmo

nas comunidades rurais, onde a mulher era encarregada da educação dos filhos, foi proibida de exercê-la.

A sexualidade era o primeiro e fundamental meio de perdição, mesmo na relação sancionada pela sociedade e Igreja, o casamento. Não poderia haver extravagâncias no ato sexual, responsável apenas pela reprodução. As mulheres eram as representantes máximas da carnalidade, simbolizavam o inimigo da comunidade cristã. A Igreja se utilizou, também, de tradições judias que atribuíram a existência de demônios ao fato de as mulheres terem seduzido os anjos. Exemplo parecido é encontrado nas Escrituras, na relação carnal entre mulheres e os anjos caídos. Deste modo, na teologia cristã, a natureza feminina caiu do lado negativo dos dualismos entre a carne e o espírito, entre os demônios e os anjos (MACIEL, 2004).

Segundo Gonçalves (2009) na Idade Média permanecia a idéia que o “invólucro carnal era prisão da alma”, o prazer manteria o espírito prisioneiro do corpo e as mulheres eram consideradas inferiores devido a sua fraqueza aos “perigos da carne”. Tal mulher era vista como a inspiradora do desejo que destrói o homem, levando este a pecar e romper seu elo com Deus. Nos padrões de conduta da Igreja Católica medieval, tudo o que estivesse relacionado ao corpo deveria ser tratado com desconfiança, ainda mais quando se tratasse de suas capacidades sexuais as quais trariam a perdição.

O mais importante era que o diabo conhecia a fragilidade do sexo feminino, destes seres absolutamente corporais. De acordo com estas postulações, as mulheres eram excluídas dos sacerdócios, pois seus corpos constituíam um obstáculo ao exercício da razão. Todo ser humano possuía uma alma espiritual assexuada e um corpo sexuado. No homem, o corpo reflete a alma, pois ele foi formado a partir da imagem de Deus, o que não acontece com a mulher, que foi criada a partir de uma parte do homem, então deve se submeter a ele (NOGUEIRA, 1991).

Na *Summa Theologica*, Tomás de Aquino diz que:

...Na geração, o papel positivo é o do homem, a mulher senso apenas um receptáculo. Verdadeiramente não há outro sexo que não o masculino. A mulher é um macho deficiente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcado pela *imbecillitas* de sua natureza, ceda às seduções do tentador, devendo ficar sob tutela (SUMMA THEOLOGICA, I, quaestio 92, q. 93 e q.99. Apud: Nogueira, 1991, p. 16)

Percebemos em Tomás de Aquino, a mesma ideia da naturalidade do mal como intrínseca à condição feminina, que desde o momento da Criação, o homem aparece como mais voltado à espiritualidade, abandonando-a somente pela influência e tentação feminina; e a mulher, de maneira inata, como fraca, débil e carnal, características avessas à espiritualidade exigida pela Igreja medieval.

Além de todos estes elementos que relegavam à mulher uma condição de inferioridade em relação ao homem, a Igreja acreditava também que elas – as mulheres – possuíam poderes sobrenaturais concedidos pelo diabo em troca de sua fidelidade e adoração. Estas mulheres, que abandonavam as práticas cristãs e realizavam pactos com o mal eram descritas por diversos autores eclesiásticos medievais, sob a denominação de bruxas ou feiticeiras.

Através do contato íntimo das bruxas com o demônio, elas seriam capazes de causar diversos males, entre eles a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, abortos, oferendas de crianças a Satanás, estrago das colheitas, doenças, entre outros. As mulheres, que nas culturas de coleta eram quase sagradas devido à sua fertilidade, durante a Inquisição passaram a ser, devido a sua capacidade orgástica, causadora de todos os males e flagelos. De acordo com o pensamento medieval, as feiticeiras ou bruxas eram encontradas entre as mulheres que ainda não tinham sua sexualidade normatizada e procuravam impor-se no domínio público, exclusivo dos homens. De doadora e geradora da vida, a mulher passa a ser vista como a primeira e maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, à natureza e aos animais (KRAMER E SPRENGER, 1991, p. 16).

O *Malleus Maleficarum* – livro oficial de uma época – é repleto de exemplos que “descrevem” com riqueza de detalhes como as bruxas podiam agir sobre as pessoas.

Esses exemplos são casos “testemunhados” por leigos que juram ter presenciado ou até mesmo participado de atos de bruxaria. O texto é, assim, um documento carregado de depoimentos pessoais que expressam ideias tanto das classes consideradas mais cultas como das mais populares. Nessa conjuntura, queimar bruxas representa, na verdade, a Igreja Católica medieval, numa tentativa desesperada de manter-se no poder, resgatando sua autoridade, que parecia ameaçada à medida que a sociedade burguesa se desenvolvia.

Em relação à sexualidade da bruxa, diz o *Malleus Maleficarum*:

...as próprias bruxas muitas vezes tem sido vistas deitadas de costas nos campos ou nas matas, nuas até o umbigo, e vê-se pela pela disposição dos membros que se relacionam ao venéreo e ao orgasmo, cõo também pela agitação das pernas e das coxas, que, de maneira inteiramente invisível para os circunstantes, estão copulando com demônios íncubus... (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 253)

Através da acusação de bruxaria, os inquisidores conseguiram unir a transgressão sexual à transgressão da fé, e punir as mulheres por esses pecados. Para os inquisidores, a cópula com uma entidade desencarnada – como o demônio masculino íncubus – era uma transgressão especialmente atroz, pois se tratava de uma blasfema paródia do parto de Maria (BAIGENT, Michael. LEIGH, Richard, 2001). De acordo com Muraro (MALLEUS, 1991) esse ódio à mulher se misturou à Inquisição e ao *Malleus* juntamente com a atração mórbida pela sexualidade culturalmente reprimida e à sua desvalorização pela Igreja.

Procedimentos absolutamente comuns e de grande importância social, como os de cura através de ervas mais conhecidas das mulheres, foram transformados em desvios comportamentais e em riscos para o poder político e para a ortodoxia. Tornaram-se crimes e instrumentos de malefícios, o que foi possível graças a sua vinculação – estabelecida pela Igreja – entre tais práticas e as ações do diabo, com a conseqüente transformação de seus agentes em inimigos do Estado e da Igreja (PIMENTEL, 2012).

Tais mulheres, conhecidas em sua aldeia ou comunidade pela ajuda que forneciam, curandeiras,

parteiras e idosas, passaram a ser vistas como bruxas. A redução das práticas mágicas ao fenômeno da bruxaria, dotando-as de um caráter evasivo e destrutivo, formou o imaginário acerca das bruxas: mulheres geralmente velhas e pobres que cediam às tentações da demonolatria para alívio material ou espiritual, ou ainda para se vingarem de desafetos. Dizendo de outra forma, a crença em forças sobrenaturais interferindo na vida dos homens era um fenômeno generalizado atingindo todas as camadas sociais, gêneros, etnias e faixas etárias. Seus agentes, porém, foram sendo gradativamente selecionados, principalmente, entre populares e predominantemente mulheres.

Práticas de curandeirismo e outras tradições populares foram sendo resignificadas pela civilização cristã, em conformidade com uma determinada visão de mundo partilhada por diferentes instâncias sociais. Em conformidade com o imaginário social medieval, a mulher foi em larga medida representada como um ser perigoso por ser mais vulnerável às investidas do Diabo.

Antigas divindades pagãs continuaram sendo adoradas, mesmo com o invento do cristianismo. Os camponeses podiam ir à missa no domingo e assimilar determinados elementos do cristianismo, mas, ao mesmo tempo, deixavam leite em pires e faziam inúmeros tipos de oferendas para aplacar as antigas forças à espreita na floresta em volta. Observavam os solstícios e os equinócios, ritos de fertilidade, festas e carnavais onde os deuses das antigas religiões figuravam com destaque, mesmo de disfarçados de cristianismo. Em quase todas as comunidades, ainda havia uma velha referenciada por sua sabedoria, capacidade de ler o futuro e a sorte, conhecimento de ervas, meteorologia e habilidade de parteira. Muitas vezes confiavam mais nela que no padre local. A velha da aldeia oferecia um canal mais para poderes mais imediatos e prontamente acessíveis, ao contrário do padre que parecia intimidador e severo (BAIGENT, Michael. LEIGH, Richard, 2001).

Estas práticas populares, denominadas agora de heresias, cujo alcance era acompanhado da perseguição, forneceram os elementos que construíram o estereótipo do *sabbat* e da bruxa e, ainda no século XII, é relatada a ligação entre o Diabo, hereges e desvios sexuais. Existe grande participação de mulheres nos movimentos heréticos em virtude de uma série de fatores que intervieram conjuntamente ao chamamento para o ascetismo: maior porcentagem de mulheres nas populações, as poucas vocações que lhes eram destinadas e a não-ordenação. Assim, grupos como os cátaros e os valdenses², que propunham igualdade e ampla participação, poderiam representar um meio de promoção social (LIEBEL, 2004).

Para os inquisidores do século XV, era consenso que todas as bruxas firmavam um pacto com o diabo, por meio do qual renunciavam a fé cristã (ZORDAN, 2005). Muitas mulheres admitiam, sob tortura, que tiveram contatos sexuais com demônios. A natureza destas relações não eram “carnais”, pois os demônios são espíritos. Portanto, mesmo as que estavam em suas camas com seus maridos participavam dos sabás. Para Zordan:

Rituais de sexo e luxúria, os sabás eram tidos como odes a Satã, festas macabras nas quais se comia carne de recém-nascidos, entrava-se em transe e após danças frenéticas as bruxas copulavam com o diabo. Foram descritos como missas negras, nas quais os adeptos renegavam a fé cristã por meio do que a Inquisição supunha ser um arremedo das práticas católicas (ZORDAN, p. 334)

Nos sabás³, ritos católicos eram transfigurados em orações que violavam os principais símbolos da fé cristã. Aconteciam principalmente em dias sagrados como o Natal, a Páscoa, Pentecostes e outros dias santos. Procediam dessa maneira, segundo os inquisidores, para melhor ofender o Criador e para não se impregnarem da fé cristã. Acreditava-se que através

²Grupos “hereges” que se opunham inflexivelmente à Roma e à Igreja Romana. Viam em Roma a encarnação do mal, a bíblica “Prostituta da Babilônia. Ver BAIGENT, Michael. LEIGH, Richard. “A Inquisição”. Imago Editora: Rio de Janeiro, 2001.

³Sobre os sabás, ver os trabalhos de Jorge Pinheiro dos Santos, “Prazer & Religião: Adélia e Bataille num diálogo pertinente”; Arioaldo Padovani, “Os medos escatológicos: a representação do demônio e dos seus agentes no imaginário medieval; Carlo Ginzburg, “Decifrando o Sabá”.

dos unguentos, com os quais cobriam o corpo para irem ao sabá, as bruxas podiam levantar vôo ou ir de uma cidade para outra em poucos instantes (ZORDAN, 2005). Para Maciel (2004), as cerimônias agrícolas noturnas poderiam ter contribuído para a gestação do conceito de sabá das bruxas.

Segundo Ginzburg (1991) na Europa os processos de lei sobre a feitiçaria, entre os séculos XV e XVII, revelam um estereótipo criado com base em conhecimentos do senso comum sobre o sabá, reconhecido como uma seita de bruxas e feitiçarias:

Há, nas perguntas dos juízes, alusões mais que evidentes ao Sabat das bruxas, que era, segundo os demonologistas, o verdadeiro cerne da feitiçaria. Quando assim acontecia, os réus repetiam mais ou menos espontaneamente os estereótipos inquisitoriais então divulgados na Europa pela boca de pregadores, teólogos, juristas, etc. (GINZBURG, 1991, 206).

De acordo com Freire e Sobrinho (2006), os sabás eram reuniões noturnas, geralmente realizadas no meio das florestas, onde as mulheres dançavam para os demônios e copulavam com ele. Então, se supunha que era pelo sexo que ela se fazia bruxa, sexo este considerado, por “natureza”, impuro e maléfico. Portanto, não era porque se distinguiam das demais mulheres, ou por possuírem uma natureza diferente; era a própria “natureza” feminina que ardia nas fogueiras. Como diz o *Malleus Maleficarum*, “se hoje queimamos as bruxas é por causa de seu sexo feminino” (KRAMER e SPRENGER, p. 364)

As bruxas, depois de Lúcifer, excedem a todos os maiores pecados, visto que além de pactuarem com o demônio, mantêm relações carnis com este, espalham ódio e injúrias a todos os seres e negam o Cristo crucificado. “Seus pecados são maiores que os do próprio diabo” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 164).

Acreditava-se também, que a própria beleza feminina era motivo de desconfiança, pois podia enfeitiçar os homens, implicar em mentira, veiledade e dissimulação. Poderiam também praticar cavalgadas noturnas, com a deusa Diana – uma das manifestações de demônios – metamorfoses, entre outras proezas. Para Ginzburg (1991), no século XV estava

estabelecida entre os letrados a suspeita de que existiria uma conjuração reunida para arruinar os reinos cristãos e condená-los à tirania diabólica.

Se mulheres bonitas eram suspeitas, também o eram as parteiras, com seu íntimo conhecimento do que os inquisidores chamavam de mistérios femininos. Acreditavam que os natimortos haviam sido assassinados pela parteira bruxa em uma oferenda ao demônio. As deformadas, desfiguradas, doentias e todas que apresentassem traços físicos e comportamentais divergentes dos aceites também eram relacionadas à bruxaria da parteira. Apesar de inspirar confiança às mulheres das aldeias, as parteiras representavam – para a Igreja – forte concorrência com os padres por autoridade, e por isso eram o alvo ideal (BAIGENT, Michael. LEIGH, Richard, 2001).

De acordo com o pensamento medieval, além do comportamento grotesco e maligno, como uma clara oposição à Igreja e a Cristo, a bruxa também possui características físicas que as diferenciam das pessoas honestas e cristãs. Desta forma, ela é:

...uma figura que transita no pantanoso terreno do irracional, da carne e da animalidade. Andrógina, a bruxa é monstruosa porque traz consigo a mistura das espécies e a mistura de sexos diferentes. Mulher-árvore encarquilhada pelo tempo, mulher-lobo correndo pela floresta nas noites de lua cheia, mulher e besta, a bela e a fera. A bruxa, como todos os monstros, é híbrida. Bissexual, a promiscuidade da bruxa mostrava o quanto era perversa e animalesca. Disfarçando seus pés com formas de garras, a bruxa engana fazendo com que todo seu hibridismo pareça ilusão, pois seu aspecto monstruoso esconde-se por baixo das saias... (ZORDAN, 2005, p. 339)

Como solucionadora ou culpada dos problemas, sua figura faz parte de acontecimentos drásticos: o desespero de certos apaixonados, o acometimento de enfermidades, acirradas lutas pelo poder e outros abalos, como tempestades, a morte do gado ou o extravio de colheitas. Este é o plano dos pensamentos, uma superfície na qual estão colocados os conceitos e suas incontáveis possibilidades de composição. A bruxa é aquela que se compõe junto a uma grande variedade de pré-conceitos pensados sobre o feminino, sobre o corpo, a natureza e os ciclos de nascimento, vida e morte (ZORDAN, 2005).

Com a construção da figura da feiticeira ou bruxa, deslocava-se o foco gerador das catástrofes naturais e de toda espécie de mal que ocorresse a alguém. Não mais eram causados pela vontade divina ou pelo demônio, havia, a partir dessa construção, personagens a ser responsabilizados e castigados.

Fundamentada no desejo de eliminação de doutrinas e comportamentos contrários à fé católica, foi criado o Tribunal do Santo ofício ou Inquisição, uma instituição responsável pela perseguir e condenação dos hereges, com o apoio de tribunais seculares. De acordo com Gonçalves (2009), a organização da Inquisição acontece entre os anos de 1184-1229, e a imagem da bruxa vai sendo construída e difundida durante a Baixa Idade Média. É interessante destacar que, ao tentar categorizar e sistematizar as práticas hereges, a Igreja e os inquisidores estavam realizando uma tradução e interpretação de crenças estranhas a eles, para algo mais compreensível (GINZBURG, 1991).

Alguns fatores podem ter contribuído para o direcionamento da Inquisição à perseguição de mulheres, como por exemplo, mudanças sociais ocorridas ao longo do século XV. Acontece nesse século o retardamento da idade de casamento, elevando-se para 25 a 30 anos entre os homens, e para 23 a 27 anos entre as mulheres. Percebe-se também uma tendência ao celibato, fazendo com que a proporção de mulheres solteiras salte de 5% para mais de 20%, configurando-se como um grande impacto a uma sociedade acostumada a ter 95% de suas mulheres casadas. Acrescendo as solteiras às viúvas e às abandonas pelos maridos, tem-se mais de 30% das mulheres existentes vivendo solteiras, e portanto suspeitas, caracterizando-se como uma ameaça à coletividade (NOGUEIRA, 1991).

Corroborando esta situação, existe também um agravante fisiológico. A mulher era mais resistente às epidemias, sobrevivendo em números maiores que os homens, o que as tornava – em uma sociedade predisposta a encará-las como dotadas de caráter maligno – elementos suspeitos de provocarem as doenças ou restringirem às mortes ao sexo masculino

(RUSSEL, 1985, p. 114-115. Apud: NOGUEIRA, 1991).

Nos séculos XV e XVI, todo o processo gerador da misoginia irrompe em um grande genocídio contra as mulheres, acusadas de bruxaria. Promovido pelos tribunais da Santa Inquisição, cujo objetivo era extirpar a ameaça das heresias e dos hereges, tanto realizadas por homens, mas, majoritariamente por mulheres, que de variadas formas, não se adequavam aos padrões religiosos e morais da sociedade europeia ocidental. O discurso do Tribunal do Santo Ofício foi fundamental para que a Igreja alcançasse tanto poder, nas esferas cultural, econômica e política.

Referências

BAIGENT, LEIGH, Michael., Richard. *A Inquisição*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

FREIRE, Mariza Scheffer. SOBRINHO, Vilma Pereira. A figura feminina no contexto da Inquisição. *Revista Educere et Educare*. [online]. V.1, n. 1, Cascavel: UNIOESTE, 2006, janeiro/junho 2006. Disponível na Internet: <www.e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/1003/855> ISSN 1981-4712. Acesso em: 15 mar. 2013

GINZBURG, Carlo. O Inquisidor como Antropólogo. *Revista Brasileira de História*. [online]. V. 1, n. 21. São Paulo: USP, setembro 1990, fevereiro 1991. Disponível na internet: <www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3903> ISSN 0102-0188. Acesso em: 15 mar. 2013

GONÇALVES, Francisco de Souza. O clericalismo na literatura: a cópula do feminino e o diabólico, um vislumbre da imagem precursora da bruxa em A demanda do Santo Graal. *Revista Veredas da História*. [online]. Vol. 2, Ano II, nº.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, janeiro/junho 2009. Disponível na Internet: <<http://veredadahistoria.kea.kinghost.net/edicao2/art.1.pdf>> ISSN 1982-4238. Acesso em: 16 mar. 2013

LIEBEL, Silvia. *Demonização da mulher: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum*.

Monografia. Estágio supervisionado em pesquisa histórica do Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 78 páginas.

MACIEL, Betania. O folclore mágico europeu e a Igreja. *Revista Internacional de Folkcomunicação*. [online]. Vol 2, nº 4. Ponta Grossa: UEPG, 2004. Disponível na Internet: <[http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=460&path\[\]=327](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=460&path[]=327)> ISSN 1807-4960. Acesso em: 15 mar. 2013

MICHELIS, André. Histeria e feminilidade. *Revista Ágora*. [online]. V. 4 n. 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, dezembro 2009. Disponível na Internet: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v4n1/v4n1a03.pdf>> ISSN 1984-1852. Acesso em: 19 mar. 2013

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. As companheiras de Satã: o processo de diabolização da mulher. *Revista Espacio, Tiempo y Forma*. [online]. Série IV, t. IV. Madri: UNED, 1991. Disponível na Internet: <<http://pt.pdfsb.com/diaboliza%C3%A7%C3%A3o>> ISSN 1131-7686. Acesso em: 22 mar. 2013

KRAMER, Heinrich. SPRENGER, James. *Malleus Malleficarum: O martelo das feiticeiras*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

PIMENTEL, Helen Úlhoa. Demonologia, bruxas e estereótipos. *Revista Trilhas da História*. [online]. V.1, nº 2. Três Lagoas: UFMS, 2012, janeiro/junho 2012. Disponível na Internet: <<http://www.trilhasdahistoria.ufms.br/artigos2/helenpimentel.pdf>> ISSN 1808-2653. Acesso em: 22 mar. 2013

VARGAS, Samanta Piton. Inquisição na Espanha: desde o antijudaísmo na Antiguidade à perseguição dos conversos na Idade Moderna. *Revista Historiador Especial*. [online]. Nº 01. Ano 03. Porto Alegre: Editora Clube de Autores, 2010, janeiro 2010. Disponível na Internet: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/samanta.pdf>> ISSN 2176-1116. Acesso em: 22 mar. 2013

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. *Revista Estudos Feministas*. V. 13, nº 2. Rio Grande do Sul: UFRS, maio/agosto 2005. Disponível na Internet: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/8533>> Acesso em: 26 mar. 2013